

O espetáculo das eleições confirma que estamos vivendo uma democracia. Passados apenas vinte anos da constituição de 1988, ainda estamos amadurecendo, aprendendo a conviver com as infinitas possibilidades da contagem dos votos. Elegemos alguns, “cassamos” outros que se julgavam eleitos e postergamos a escolha do Prefeito. Pela primeira vez, mais em busca do voto que fruto de planejamento, apresentaram-se propostas para a melhoria da segurança pública, para alguns uma impropriedade, mas me pareceu exatamente o contrário.

É muito bom que a segurança pública passe a ser considerada prioritária, decisiva, urgente e da órbita do Município, pois é onde realmente se vive. Mesmo que se argumente que as polícias e justiça são estaduais, não é disso que se fala, falamos de segurança. Graças à eleição já se debate segurança como muito mais que policiais, viaturas e câmeras. A segurança pública é a soma de ações pró-ativas (organização do espaço urbano, emprego, moradia, saúde, assistência social, etc.) mais as ações preventivas (policiamento, conselhos tutelares, assistência protetiva à criança e à mulher etc.) com as ações repressivas (a captura, o julgamento e a prisão), estas últimas, porque são bem mais visíveis, geram a falácia da parte pelo todo. A segurança pertence mais ao Município do que ao Estado, mas ninguém quer discutir a quem cabe, e sim como encerrar este círculo vicioso de medo e morte! A população não aceita que seus representantes achem que um número crescente de assassinatos é uma coisa natural!

Assassinato não é natural, mas um absurdo anunciado, todos eles o são - sejam de crianças por pais psicopatas ou ausentes; jovens que as famílias preferem que estejam presos; homens e mulheres abandonados e viciados; homens e mulheres que vivem em um país onde se mata mais que nas guerras. Não se trata de simples figura de linguagem, em nossa sociedade se mata mais que em qualquer outra. Somente por arma de fogo, mata-se mais que as 25.000 mortes por ano das guerras da Chechênia ou da Etiópia. Aqui, por ano, no Brasil, foram 32.555 assassinatos em média. Na guerra civil da Guatemala foram 16.667 e na da Argélia “apenas” 10.000 mortes por ano. Entenda-se: não se tem notícia de nenhuma guerra da atualidade com mais mortes por armas de fogo do que na nossa “paz” do dia a dia. A verdade é que assassinamos, em média, por ano, desde 1993, mais 32.000 pessoas, totalizando aproximadamente 480.000 mortos até 2008. Na nossa Salvador, terra do Axé, neste ano, até agora, já contabilizamos mais mortes que em todo o ano de 2006! Este é o maior problema, posso andar em uma rua esburacada, mas não posso aceitar isso.

Coordenador do Observatório de Segurança Pública da Bahia.

carlos.gomes@unifacs.br